

# ESTUDO DA ESCALA COMPORTAMENTAL DA DOR COM PARTICIPANTES DE ROMARIA A CAVALO DA CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS À CIDADE DE APARECIDA

*Márcia dos Santos Sermarini<sup>1</sup>, Maria das Graças Bastos Licurci<sup>2</sup>, Rodrigo Aléxis Lazo-Osorio<sup>3</sup>*

<sup>1</sup> CLÍNICA PSICOLÓGICA, Rua Teopompo de Vasconcelos nº 257 – São José dos Campos – São Paulo – Brasil – 12243-830, [marciasermarini@vivax.com.br](mailto:marciasermarini@vivax.com.br)

<sup>2</sup> UNIVAP, Faculdade de Ciências da Saúde Curso de Fisioterapia, Av. Shishima Hifumi nº.2911 – São José dos Campos - São Paulo – Brasil - 12244-000, [glicurci@univap.br](mailto:glicurci@univap.br)

<sup>3</sup> UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento – IP&D, Faculdade de Ciências da Saúde Curso de Fisioterapia, Av. Shishima Hifumi nº 2911– São José dos Campos - São Paulo – Brasil - 12244-000, [ralo@univap.br](mailto:ralo@univap.br)

**Resumo** – Romaria é uma peregrinação religiosa feita por um grupo de pessoas a uma igreja ou local considerado santo, seja para pagar promessas, agradecer ou pedir graças, ou simplesmente por devoção, podendo ser feita a cavalo. O nome do termo é uma referência a Roma, cidade sede da Igreja Católica Apostólica Romana, e por esse motivo é usada para classificar especialmente peregrinações católicas ([wikipedia.org](http://wikipedia.org), 2007). O grande desafio de uma cavalgada é a superação da dor e do desgaste físico. O objetivo desse estudo é mensurar a dor, e perceber como isso se reflete no convívio social. Para isso, foi usada uma Escala Comportamental da Dor (EC). (OLIVEIRA, 1994). Ao final da cavalgada todos os equitadores estavam com seus membros inferiores doloridos e fisicamente exaustos, porém dizendo-se satisfeitos com o passeio. Na literatura científica não encontramos registros de pesquisas nessa atividade eqüestre.

**Palavras-chave:** Dor, Romaria, Cavalgada

**Área do conhecimento:** Psicologia, Fisioterapia

## Introdução

A região do Vale do Paraíba foi formada, em grande parte por tropeiros que seguiam viagem para outros estados brasileiros. Distante 160 km da capital paulista, a cidade de Aparecida (1745) tornou-se conhecida devido a sua importância religiosa, e hoje é chamada de “Capital Mariana da Fé”. Atualmente, recebe cerca de 7 milhões de romeiros por ano. É o maior centro de peregrinação religiosa da América Latina. Sua população é de 34.904 habitantes, segundo o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000).

As romarias são comuns em todo o Estado de São Paulo, havendo maior concentração na Grande São Paulo e no Cone Leste. Elas apresentam bom nível de organização e complexidade, algumas são bem longevas e chegando a congregar acima de 1500 cavaleiros, mostrando o prazer de significativa parcela dos cidadãos de todas as classes sociais (SEC/DARC, 2007)

Nos dias 03 e 04 de Agosto de 2007, foi promovida por um grupo de pessoas, uma romaria a cavalo, de São José dos Campos (do subdistrito de Eugenio de Melo), a Aparecida. A

saída aconteceu no dia 03 às 6:30hs com chegada a Aparecida no dia 04 às 13:30hs. Houve período de repouso noturno de 13hs. O percurso foi de 110km, em estrada rural passando pelas cidades de Caçapava, Taubaté e Pindamonhangaba. No primeiro dia percorreu-se um total de 70km até a cidade de Pindamonhangaba, e no segundo dia, 40km até a cidade de Aparecida.

O grupo foi constituído por treze cavaleiros sendo doze homens e uma mulher, com idade variando entre sete e sessenta e cinco anos. Como equipe de apoio, havia um caminhão (para transporte animal), duas caminhonetes (uma com alimentação dos cavaleiros e outra com o trato animal) e um carro de passeio com a presença de fisioterapeuta e primeiros socorros.

Todo o percurso da cavalgada se deu com o cavalo ao trote. O trote é o andamento simétrico, há dois tempos em que um par diagonal de pernas toca o solo simultaneamente e, depois de um momento de suspensão, o cavalo salta apoiado no outro par diagonal. (MILLEN, E., 1984), como consequência, a parte do corpo do equitador mais exigida são os membros

inferiores, devido a necessidade de se manter o equilíbrio sobre o animal.

### Metodologia

A mensuração da dor é, antes de tudo, subjetiva, variando individualmente em função de vivências culturais, emocionais e ambientais. (BRENTANI et al, 1998). A sua graduação baseia-se numa avaliação do paciente através da *Escala Comportamental (EC)*, onde é atribuída uma nota a dor em função de suas atividades da vida diária, sendo: *Nota zero* = dor ausente ou sem dor; *Nota três* = dor presente, havendo períodos em que é esquecida; *Nota seis* = a dor não é esquecida, mas não impede exercer atividades da vida diária; *Nota oito* = a dor não é esquecida, atrapalha todas as atividades da vida diária, exceto alimentação e higiene; *Nota dez* = a dor persiste mesmo em repouso, está presente e não pode ser ignorada, sendo o repouso imperativo. (OLIVEIRA, Jr, 1994).

Para o desenvolvimento desse estudo questionou-se a cada um dos participantes, se o mesmo estava sentindo algum tipo de dor e sua intensidade, isso aconteceu, às 6:30hs (partida), 13:00hs (parada de almoço), 19:00hs (chegada ao pouso) no primeiro dia. No segundo dia a pesquisa ocorreu às 8:00hs (partida) e 13:30hs (chegada à Basílica). É importante salientar que a cada duas horas, fazia-se uma parada de quinze minutos para descanso.

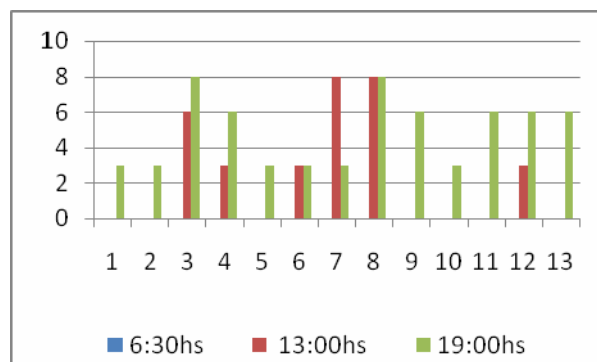
### Resultados

Tabela 1. Quadro geral do Grupo da Romaria

Nº	Dados do equitador			Dados do animal	
	Idade	Peso	Nº cavalg.	Raça	Idade
1	44	75	3	Mestiço	6
2	24	60	1	Mang. Paulista	12
3	31	90	15	Crioulo	7
4	50	78	1	Mestiço	6
5	50	56	2	Mestiço	10
6	7	40	1	Quarto Milha	17
7	8	26	2	Crioulo	11
8	50	100	2	Mang. March.	7
9	65	83	35	Mestiço	10
10	15	50	5	Mestiço	8
11	50	66	5	Mula	8
12	53	94	10	Mang. March.	15
13	28	90	2	Mestiço	8

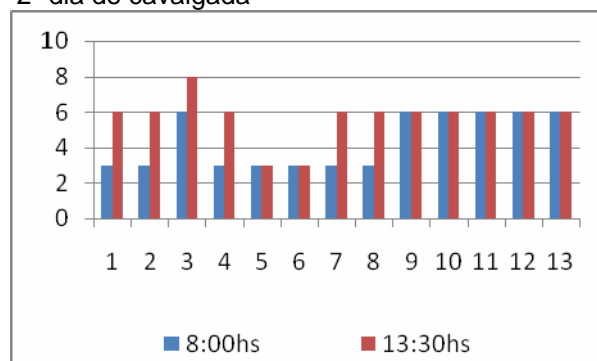
Na quarta coluna está especificado o número de vezes em que cada equitador participou desse tipo de cavalgada.

Gráfico 1. Escala Comportamental da Dor / Nota 1º dia da cavalgada



No dia 03 às 6:30hs havia ausência de dor em todos (100%) os equitadores (nota zero). Às 13:00hs, 53% dos equitadores se mantinham com ausência de dor (nota zero); 23% queixavam de dor presente, havendo período em que era esquecida (nota 3); 8% afirmavam que a dor não era esquecida, mas não havia impedimento para o desenvolvimento das atividades de vida diária (nota 6); e 16% diziam que a dor não era esquecida, atrapalhava todas as atividades de vida diária, exceto alimentação e higiene (nota 8). Às 19:00hs todos (100%) equitadores apresentavam sinais de cansaço físico seguido de dor variando de nota 3 a 8; sendo que 46% queixavam de dor presente, havendo período em que era esquecida (nota 3); 38% afirmavam que a dor não era esquecida, mas não havia impedimento para o desenvolvimento das atividades de vida diária (nota 6) e 16% diziam que a dor não era esquecida, e atrapalhava todas as atividades de vida diária, exceto alimentação e higiene (nota 8). Os equitadores de números 07, 08 sentiram dores e desistiram de cavalgar após o almoço, sendo que o número 08 desistiu de continuar cavalgando, e manteve-se no carro de apoio até o final do evento.

Gráfico 2. Escala Comportamental da Dor/Nota 2º dia de cavalgada



No dia 04 todos (100%) os equitadores apresentavam dores físicas às 8:00hs, sendo que para 54% afirmavam ter dor presente, havendo período em que era esquecida (nota 3); 46% afirmavam que a dor não era esquecida, mas não havia impedimento para o desenvolvimento das atividades de vida diária (nota 6).

Às 13:30hs 16% dos equitadores queixavam de dor presente, havendo período em que era esquecida (nota 3); 76% de afirmavam que a dor não era esquecida, mas não havia impedimento para o desenvolvimento das atividades de vida diária (nota 6). E 8% diziam que a dor não era esquecida e atrapalhava todas as atividades de vida diária, exceto alimentação e higiene (nota 8).

Ao se correlacionar os resultados obtidos, vimos dor, mesmo entre aqueles cavaleiros mais habituados com o percurso (77%).

Houve um aumento na porcentagem (8%, 38%, 46% e 76%) respectivamente, a cada questionamento do comportamento da dor (nota 6), onde o equitador afirma que a dor não era esquecida, mas não havia impedimento para o desenvolvimento das atividades de vida diária. Dor presente, havendo períodos em que era esquecida; (nota três) variou 23%, 46%, 54% e 16%. Dor (nota 8) não era esquecida, e atrapalhava todas as atividades da vida diária, exceto alimentação e higiene com variação (16%, 16%, 0%, 8%).

## Discussão

A parte do corpo mais afetada foram os membros inferiores, pois o cavaleiro passa em média duas horas na mesma posição, com movimento de trote constante. A velocidade média é de 7km/h, com expectativa de se levar aproximadamente 16 horas para se percorrer os 110km do percurso.

Nesse estudo não se pode fazer uma correlação entre: *peso do equitador x dor*, visto que o cavaleiro mais pesado sentiu tanta dor quanto o mais leve; *idade do equitador x dor*, pois o equitador mais velho e o mais jovem completaram o percurso com pequena variação na dor; *numero de vezes em cavalgada do equitador x dor*, já que, ambos o mais experiente e o novato concluíram o percurso com variação de dor próxima; *tipo de raça animal x dor*, (no meio eqüestre se comenta a respeito do tipo de andamento do cavalo que varia conforme a raça), porém nesse estudo não houve predominância de um tipo específico. Os animais tidos como mestiços, não se pode avaliar quais foram os cruzamentos de origem. Todos os animais completaram o percurso, não houve a necessidade de usar o caminhão de apoio,

portanto a idade do animal não sofreu influencia no desempenho do percurso.

A cavalgada se deu em um ambiente rural com clima ameno e com todas as condições satisfatórias para a sua execução. Embora houvesse queixa de dor, e cansaço físico, os participantes se mostravam bem humorados. Esse tipo de atividade ainda não é visto como uma atividade física, mas sim como algo ligado à religião e a dor acaba sendo considerada como uma parte do sacrifício.

## Conclusão

O que se pode concluir desse estudo é que esse percurso deveria ser dividido em três dias, com uma média de 37km/dia, com saída às 8:00hs; às 10:00hs e às 16:00hs houvesse parada para descanso de 30 minutos; a parada para almoço das 12:00hs às 14:00hs, e com chegada prevista ao pouso por volta das 17:00hs. Havendo assim um menor desgaste físico e conseqüentemente a dor física nos participantes do evento seria amenizada.

## Referências

BRENTANI, M.M, Coelho F.R.G, Iyeyasu H, Kowalski L.P. Bases da Oncologia, editora Lemar, 1998

MILLEN,, E. - Guia do Técnico Agropecuário "Veterinária e Zootecnia" Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1984  
(<http://www.saudeanimal.com.br/cavalo1.htm>)  
Acesso: 08 Agosto 2007

OLIVEIRA JR, J.O - Dor Oncológica. Acta Oncol. Bras., 14:11-5, 1994.  
[http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo\\_exibe1.asp?cod\\_noticia=39](http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_exibe1.asp?cod_noticia=39) Acesso: 08 Agosto 2007

IBGE, 2000  
([http://www.santuarionacional.com/index.php?id\\_secao=18](http://www.santuarionacional.com/index.php?id_secao=18)) Acesso em 08 de Agosto 2007.

SEC/DARC Secretaria de Estado da Cultura - Departamento de Atividades Regionais da Cultura  
[http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/sp\\_folclore.html](http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/sp_folclore.html) Acesso 10 Agosto 2007

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Romaria>) Acesso: 08 Agosto 2007